

## Lições de uma inspetora linha dura

DOM, 22 DE JUNHO DE 2014 00:00



Aos 88 anos, a mogiana GERALDA FERREIRA DE ALMEIDA conta histórias vividas como inspetora de alunos em Mogi / Foto: Eisner Soares

Mogiana nascida na Rua Ipiranga, GERALDA FERREIRA DE ALMEIDA, 88 anos, traz na memória as lembranças da infância vivida nesta região da Cidade, quando a via, ainda de terra, recebia o trânsito no sentido contrário ao de hoje e era o principal acesso para ida dos mogianos à Capital - pela antiga SP-66 (São Paulo-Rio de Janeiro). A casa de seus pais, Pedro e Faustina Ferreira de Almeida, ficava nas proximidades da Capela de Santa Rita de Cássia, atualmente em reforma, onde a família participava das missas e festas religiosas. GERALDA, que é descendente de portugueses e bisneta do Frei Muniz, da Ordem do Carmo, fez o primário no Grupo Escolar Coronel Almeida, mas não teve oportunidade de dar continuidade aos estudos. Aos 12 anos, já trabalhava como doméstica na casa de famílias da Cidade e, mais tarde, foi inspetora de alunos, cargo que exerceu durante três décadas, até se aposentar, na Escola Estadual Dr. Deodato Wertheimer. Desta época, ela se orgulha de ter sido uma profissional 'linha dura'. "Não deixava entrar sem uniforme e nem fazer bagunça na escola. Sempre havia alguém de castigo e era tão brava que as professoras, quando não conseguiam dar conta da turma, me chamavam para colocar ordem. No dia em que me aposentei, os alunos deram graças a Deus, mas hoje me encontram na rua e agradecem por eu ter sido assim com eles", revela. Além da Rua Ipiranga, GERALDA morou um período na Professor Flaviano de Melo, onde nasceu sua filha Isabel e, há 59 anos, está no Shangai. Ela guarda recordações da chácara e igreja da Yayá (Sebastiana Mello Freire); da fábrica de tecidos Mogitex; do campo do Comercial; e da bica d'água que havia perto da linha férrea. Como adorava dançar, frequentava os bailes animados por orquestras no Itapeti Clube e, principalmente no União, onde foi eleita princesa do Carnaval mogiano. Na entrevista a O Diário, ela conta suas histórias aos leitores: (Carla Olivo)

Em qual região da Cidade a senhora nasceu?

Quando nasci, meus pais, que tiveram quatro filhos (Dito, Ângelo, Rosa e GERALDA), moravam na Rua Ipiranga, perto da Capela de Santa Rita de Cássia, que na época ainda se chamava Santa Cruz, onde assistíamos às missas e participávamos das festas religiosas. Havia poucos carros passando por lá, apesar de a via ser a saída da Cidade, usada por quem ia de Mogi a São Paulo, com trânsito no sentido inverso ao de hoje. Nós brincávamos na rua, que ainda era de terra, e por ali havia só casas e nada de comércio por perto.

Onde a senhora estudou?

Fiz o primário no Grupo Escolar Coronel Almeida, que era o melhor da Cidade, com bons professores e o ensino muito forte. Hoje em dia tudo é fácil, mas na época não era assim. Só que não tive oportunidade dar continuidade aos estudos. Aos 12 anos, já trabalhava como doméstica na casa de famílias mogianas. Eu colocava um banquinho perto da pia para subir e lavar a louça. Depois, comecei no funcionalismo, como inspetora de alunos na escola Dr. Deodato Wertheimer, no tempo em que ela estava começando e funcionava perto da antiga Mineração (Geral do Brasil), na Vila Industrial. Anos mais tarde é que ela mudou para a Rua Engenheiro Gualberto, onde me aposentei após 30 anos de trabalho na mesma escola.

Como era seu trabalho?

Eu era brava, rigorosa mesmo e todos os alunos tinham medo de mim e me respeitavam. A criançada era terrível e, para se ter ideia, quando havia muita bagunça na sala de aula e as professoras não davam conta, me pediam ajuda. Era só eu entrar que os estudantes já ficavam em silêncio, porque sabiam que eu os colocava de castigo. Uma vez, o Manguera (Norberto de Camargo Manguera Engelender) veio tirar satisfação comigo, já que tinha colocado o irmão dele de castigo. Não pensei duas vezes, o deixei também. Comigo não tinha conversa, ninguém entrava sem uniforme, não deixava os casais namorarem e nem fazerem arruaça no banheiro, corredores e muito menos na sala. Até trancava o banheiro e levava a chave quando percebia que a bagunça estava demais. Hoje em dia não se pode nem pensar em fazer isso, mas uma vez, dei um safanão em uma aluna e no mesmo dia, após a aula, a mãe dela veio tirar satisfação. Eu disse, então, que a filha não prestava. Tempos depois, esta mulher voltou me pedindo desculpas e falando que eu estava coberta de razão.

Quais os outros desafios vividos como inspetora?

Tinha que tomar conta até dos professores, por isso, alguns deles não vão com a minha cara até agora. Lembro uma vez que a Polícia estava no portão da escola e eu pedi que fosse embora porque, se precisasse, eu a chamava. Ali eu colocava ordem e só dependia de ajuda em caso extremo. Além do mais, achava feio os policiais ficarem na porta da escola. Trabalhei com diretores, como Manoel Bonilha, Nadir e Gilmar, na época em que o delegado de ensino era o professor Ângelo Pires.

Após 30 anos de trabalho, a senhora sentiu falta da sala de aula quando se aposentou?

Nem olhei para trás, mas os alunos deram graças a Deus, porque não me aguentavam mais. Fui até chamada para ficar um mês na escola dirigida pela dona Sonia Nogueira, na Vila Rubens, para endireitar a turma. Mas depois da aposentadoria, adorei ter tempo livre para dormir após o almoço, porque antes, saía de casa às 6 horas, ia a pé até a escola, já que não havia ônibus para lá, e só terminava o trabalho às 15 horas.

Há outros episódios que ficaram marcados?

O que me marcou bastante foi a inauguração do busto do Waldemar (Costa Filho, ex-prefeito) em frente à Prefeitura, no governo do Junji (Abe). Fui convidada para descerrá-la e me emocionei, porque o Waldemar foi como um pai para mim. Éramos amigos e nos conhecíamos desde os tempos em que ele trabalhava no Departamento de Recursos Humanos da Mineração e eu como inspetora de alunos na escola Dr. Deodato, em frente à fábrica. Ele sempre estava lá, conversando comigo e, depois quando foi prefeito, me chamava para tomar um cafezinho no gabinete, com o secretário Argeu Batalha e a telefonista Louraci (Della Nina Tavares). Dávamos risadas juntos e quando ele me enchia a paciência, eu o xingava. O Waldemar era sistemático e bem rígido, mas precisava ser assim porque senão ficava ainda mais difícil governar. Só que o coração dele era muito bom e se alguém estivesse com problemas financeiros, ele tirava dinheiro do próprio bolso para ajudar. Era louco, mas fazia, enfrentava as pessoas e não mandava recado a ninguém. O Boy (Valdemar Costa Neto, ex-deputado federal) deveria ter feito a vontade do pai, que queria que ele fosse prefeito de Mogi. Mas não, ele foi ser deputado, fez burrada e deu nisso. Fiquei muito chateada quando ele foi preso. Ainda bem que o pai não está mais aqui para ver tudo isso.

Após a Rua Ipiranga, onde mais a senhora morou?

De lá fui morar em uma casa antiga da Rua Professor Flaviano de Melo, onde minha filha nasceu. Depois, me mudei para o Shangai, morei 22 anos na Olegário Paiva, na área em que hoje os imóveis estão sendo demolidos para alargamento da rua. Também fiquei 15 anos em frente ao INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) e há 22 estou na Antônio Cândido Vieira. Ao todo já são 59 anos neste Bairro, que vi mudar muito desde quando cheguei aqui. Havia a fábrica de tecidos Mogitex, que movimentava esta região, já que empregava muita gente; a igreja e a chácara da Yayá (Sebastiana Mello Freire), onde as mulheres costumavam colocar as roupas para quilar na grama e a criançada brincava; o campo do Comercial, que vivia lotado aos finais de semana; e onde está a Praça (João Antônio Batalha), era uma grande área livre, que costumava receber os circos e parques de diversões que vinham para a Cidade. Perto da linha do trem havia uma biquinha, onde costumávamos buscar água, e o Noca, que tirava leite das vacas na hora para a criançada beber. Como minha filha teve tosse comprida, eu também ia lá buscar o carvão, que era usado na Maria Fumaça, para fazer remédio. Para baixo da linha, onde depois foi construída a Universidade (Braz Cubas), ficava o Jóquei Clube. Como eu gostava de dançar, frequentava os bailes do Itapeti Clube (eram animados por excelentes orquestras, e do União, onde fui princesa do Carnaval, quando a rainha foi a Ilca, que é cabeleireira e hoje mora em Santos. Eu era sócia do União, pagava mensalidade e tinha a carteirinha vermelha do Clube. Adorava ir lá, pena que tudo isso acabou e agora não tem mais nada. Aliás, ficou difícil até para sair de casa à noite, porque a violência está demais e o pessoal perdeu a fé, o respeito e o amor ao próximo. A criação que tive é bem diferente da que se vê hoje por aí, com as drogas estragando os jovens.

Ficaram mais lembranças da Mogi das Cruzes de antigamente?

A principal lembrança é de que não havia perigo e nem se ouvia falar em violência. Mogi era mais sossegada e andávamos a pé pela rua a qualquer hora, inclusive à noite. Os pais sentavam em cadeiras na calçada para conversar enquanto os filhos brincavam livremente na rua de queimada, passa anel ou outras distrações. O pão e o leite eram deixados nas janelas das casas e ninguém mexia no que era dos outros. Além disso, havia a confiança. Depois, comprávamos o filão de pão ou o pão doce com açúcar em cima, na Padaria Canadá, que era do seu Hermínio, e leite na leiteria da dona Rosa, na Rua Dr. Ricardo Vilela, além de outros produtos no armazém do turco, na esquina da Ricardo com a Antônio Cândido Alvarenga. Tudo era anotado em cadernetas, para pagar apenas no final do mês e não havia calote. Outra lembrança eram os passeios no jardim (Praça Oswaldo Cruz), com rapazes andando de um lado e moças de outro para a paquera no meio do caminho. Todos saíam elegantes e vinham até jovens de fora para cá. Também era comum pessoas de outras cidades virem ao Mercado Municipal, onde eu comprava carne, doces cristalizados, geleia de mocotó, verduras e frango vivo embrulhado no jornal.

Hoje, quais são suas distrações?

Sou palmeirense, gosto de assistir aos jogos pela TV, e não vou perder um jogo do Brasil nesta Copa do Mundo. Se Deus quiser, vamos ganhá-la. Antes, era da Irmandade de Santana, junto com a Cida Briquet (Mária Aparecida de Oliveira Briquet) e ainda estou na Irmandade de São Benedito, participo das festas e fui madrinha de São Benedito. Na época da Festa do Divino Espírito Santo, quando a quermesse acontecia no Shangai, eu ajudava a preparar o afogado. Depois, quando ela foi para o Mogilar, ficou longe e difícil, então parei. Uma tradição que conservo até hoje é ir ao Morumbi comer pizza nas noites de sábado. Lá, os garçons me tratam muito bem e o Chico (Francisco Gil Eugênio) me chama de rainha do Shangai. Também gosto de sair para visitar os amigos e parentes, principalmente minha irmã Rosa, que tem 90 anos e mora no Rodeio. Até pouco tempo, tinha outra distração, que era minha cachorrinha Chulita. Ela viveu comigo 14 anos e fiquei muito triste quando morreu. De tão apegada com a era com ela, desanhei, mas graças à minha filha Isabel, que me trata muito bem, estou aqui, forte e com a cabeça boa, aos 88 anos.

Perfil

Nome: GERALDA FERREIRA DE ALMEIDA

Idade: 88 anos

Nascimento: Mogi das Cruzes

Estado civil: solteira

Filha: Isabel

Filiação: primária (Grupo Escolar Coronel Almeida)

Trabalho: inspetora de alunos aposentada